

O Pontífice presidiu às celebrações pascais

Deus conceda paz aos nossos dias

Ninguém tente separar as «três graças do Evangelho»: a verdade «não negociável», a misericórdia «incondicional para com todos os pecadores» e a alegria «íntima e inclusiva», recomendou o Papa Francisco na homilia da missa crismal presidida na manhã de Quinta-Feira Santa, 13 de abril, na basílica de São Pedro.

Dirigindo-se aos quase dois mil presbíteros que celebraram com ele renovando as promessas sacerdotais, o Pontífice falou sobre a missão do «anúncio jubiloso» que «é a pérola preciosa do Evangelho» e «nasce da unção». E na tarde do mesmo dia o Pontífice foi a Paliano, na província de Frosinone, onde lavou os pés a doze detidos, três mulheres e nove homens. Entre eles um argentino e um muçulmano albanês que será batizado em junho. Durante a missa em cena Domini celebrada na capela da cadeia, o Papa pronunciou uma breve homilia improvisada.

Palavras comovidas de «vergonha pelo sangue inocente que diariamente é derramado por mulheres, crianças, imigrantes e pessoas perseguidas» ressoaram no sugestivo cenário do Coliseu iluminado por milhares de fachos na noite de 14 de abril. Quem as pronunciou foi o Papa Francisco durante a tradicional Via-Sacra de Sexta-Feira Santa, na qual o Pontífice recordou todos os dramas, as devastações e as injustiças de um tempo marcado por não poucas tragédias.

Na mensagem pascal dirigida à cidade e ao mundo da varanda central da basílica de São Pedro, no domingo 16 de abril, o Pontífice recordou as «complexas e às vezes dramáticas vicissitudes dos povos» marcados por guerras e violências, com os votos de que o Ressuscitado possa doar «aos responsáveis pelas nações a coragem de evitar a expansão dos conflitos» e, ao mesmo tempo, «deter o tráfico de armas».

No ano em que a Páscoa foi celebrada contemporaneamente pelos cristãos de cada confissão, o Papa rezou de modo particular para que o Senhor «sustente os esforços de quantos trabalham para dar alívio e conforto à população civil na Síria». Mas pediu paz também para «todo o Médio Oriente, começando pela Terra Santa» assim como o Iraque e o Iémen. E neste desenho do mapa das situações mais críticas do planeta, desviou depois a atenção para a África, exprimindo solidariedade aos



povos do «Sudão do Sul, do Sudão, da Somália e da República Democrática do Congo, que sofrem o perpetuar-se de conflitos, agravados pela grave carestia que atinge algumas regiões» do continente.

Depois, passando para a «sua» América Latina, o Papa Francisco referiu-se a quantos «se comprometem a garantir o bem comum das sociedades, às vezes marcadas por tensões políticas e sociais que nalguns casos acabam em violência», assim como acontece também na Europa, por exemplo na Ucrânia, onde ainda está a decorrer «um conflito sangrento». Entre os dramas contemporâneos o Papa evocou as «antigas e

novas escravidões» que consistem em «trabalhos desumanos, tráfico ilícito, exploração e discriminação, graves dependências» e a triste carga de crianças e adolescentes «que são privados da sua vida despreocupada para serem explorados» e de quantos têm o coração ferido pelas violências suportadas dentro das paredes domésticas.

Por fim Francisco pronunciou palavras de esperança para quantos «vivem momentos de crise e dificuldade, especialmente devido à grande falta de trabalho sobretudo para os jovens». As mesmas novas gerações às quais dirigiu as felicitações depois de ter concedido a bênção. Prece-

dentemente, durante a missa pascal celebrada no adro da basílica vaticana, pela primeira vez o Papa pronunciou a homilia, revelando o conteúdo de um telefonema feito no dia anterior a um jovem gravemente doente. Ainda no Sábado Santo Francisco celebrou, sempre na basílica, a vigília pascal. Na homilia falou sobre a expressão dos rostos das mulheres diante do sepulcro de Cristo. Por fim, ao meio-dia de 17 de abril, segunda-feira do Anjo, o Pontífice confiou todas as expectativas e esperanças da Páscoa à Virgem Maria.

PÁGINAS 2 A 7

Consistório ordinário público

Jacinta e Francisco santos a 13 de maio

E a 15 de outubro os trinta mártires do Brasil



Vitral da basílica de Nossa Senhora do Rosário Fátima

A adolescência e o martírio são os fios condutores dos novos santos que o Papa Francisco proclamará em duas ocasiões. A primeira, a 13 de maio, durante a sua viagem apostólica a Fátima, quando canonizará Francisco e Jacinta Marto, os pastorinhos testemunhas das aparições de Nossa Senhora em 1917. A segunda, domingo 15 de outubro na praça de São Pedro, quando elevará às honras dos altares os protomártires do Continente americano, os três adolescentes Cristóvão, António e João, juntamente com os trinta mártires, os primeiros do Brasil, um sacerdote escolápio e um frade menor capuchinho. Eis quanto anunciou o Papa Francisco durante o Consistório

ordinário público para o voto sobre algumas causas de canonização, realizado na manhã de quinta-feira 20 de abril. Trata-se dos beatos André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, sacerdotes diocesanos, Mateus Moreira, leigo, e 27 companheiros, mártires; Cristóvão, António e João, adolescentes mártires; Faustino Míguez, sacerdote escolápio, fundador do Instituto calasanziano das filhas da Divina Pastora; Ângelo de Aciri (no século: Lucas António Falcone), sacerdote professor da ordem dos Frades menores capuchinhos; Francisco Marto e Jacinta Marto, crianças. A festa litúrgica de Francisco e Jacinta Marto será a 20 de fevereiro, dia da morte de Jacinta.

Carta ao bispo de Assis

Uma Igreja nas pagadas de Francisco

Ninguém procure separar a verdade, a misericórdia e a alegria do Evangelho. Recomendou o Papa Francisco na homilia da missa crismal celebrada na manhã de Quinta-feira Santa, 13 de abril, na basílica de São Pedro.

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos» (Lc 4, 18). O Senhor, Ungido pelo Espírito, leva a *Boa Nova* aos pobres. Tudo aquilo que Jesus anuncia é *Boa Nova*; alegria com a alegria evangélica; e o mesmo se diga de nós, sacerdotes, de quem foi ungiu em seus pecados com o óleo do perdão, e ungiu no seu carisma com o óleo da missão, para ungiu os outros. E, tal como Jesus, o sacerdote torna jubiloso o anúncio com toda a sua pessoa. Quando pronuncia a homilia – breve, se possível – fá-lo com a alegria que toca o coração do seu povo, valendo-se da Palavra com que o Senhor o tocou



Missa crismal na basílica de São Pedro

Ninguém separe verdade misericórdia e alegria

na sua oração. Como qualquer discípulo missionário, o sacerdote torna jubiloso o anúncio com todo o seu ser. Aliás, como todos experimentamos, são precisamente os detalhes mais insignificantes que melhor contêm e comunicam a alegria: o detalhe de quem dá um pequeno passo a mais, fazendo com que a misericórdia transborde nas terras de ninguém; o detalhe de quem se decide a concretizar, fixando dia e hora para o encontro; o detalhe de quem deixa, com suave disponibilidade, que ocupem o seu tempo...

A *Boa Nova* pode parecer simplesmente um modo diferente de dizer «Evangelho», como «feliz anúncio» ou «boa notícia». Todavia contém algo que compendia em si tudo o mais: a alegria do Evangelho. Compendia tudo, porque é jubilosa em si mesma.

A *Boa Nova* é a pérola preciosa do Evangelho. Não é um objeto; mas uma missão. Bem o sabe quem experimenta «a suave e reconfortante alegria de evangelizar» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 10).

A *Boa Nova* nasce da Unção. A primeira, a «grande unção sacerdotal» de Jesus, é a que fez o Espírito Santo no seio de Maria.

Naqueles dias, a boa nova da *Anunciação* fez a Virgem Mãe cantar o *Magnificat*, encheu de um sagrado silêncio o coração de José, seu esposo, e fez saltar de alegria João no seio de sua mãe Isabel.

Hoje, Jesus regressa a Nazaré e a alegria do Espírito renova a Unção na pequena sinagoga local: o Espírito pouca e espalha-se sobre Ele, ungiu-O com o óleo da alegria (cf. *Sal 45/44, 8*).

A *Boa Nova*. Uma única palavra – Evangelho – que, no ato de ser

anunciada, se torna verdade jubilosa e misericordiosa.

Que ninguém procure separar estas três graças do Evangelho: a sua Verdade – não negociável – a sua Misericórdia – incondicional com todos os pecadores – e a sua Alegria – íntima e inclusiva. Verdade, misericórdia e alegria: as três juntas.

Nunca a verdade da *Boa Nova* poderá ser apenas uma verdade abstrata, uma daquelas que não se encarnam plenamente na vida das pessoas, porque se sentem mais confortáveis na palavra escrita dos livros.

Nunca a misericórdia da *Boa Nova* poderá ser uma falsa compaixão,

que deixa o pecador na sua miséria, não lhe dando a mão para se levantar nem o acompanhando para dar mais um passo no seu compromisso.

Nunca a Boa Nova poderá ser triste ou neutra, porque é expressão duma alegria inteiramente pessoal: «a alegria dum Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 237): a alegria de Jesus, ao ver que os pobres são evangelizados e que os pequeninos saem a evangelizar (cf. *ibid.*, 5).

As alegrias do Evangelho – uso agora o plural, porque são muitas e variadas, segundo o modo como o Espírito as quer comunicar em cada época, a cada pessoa, em cada cultura particular – são alegrias especiais. Chegam-nos em odres novos, aqueles de que fala o Senhor para expressar a novidade da sua mensagem.

Partilho convosco, queridos sacerdotes, queridos irmãos, três ícones de odres novos em que a *Boa Nova* se conserva bem – é preciso conservá-la – não se torna vinagrenta e se derrama em abundância.

Um ícone da *Boa Nova* é o das talhas de pedra das bodas de Caná (cf. *Jó 2, 6*). Num detalhe, as talhas espelham bem aquele Odre perfeito que é – em Si mesma, toda inteira – Nossa Senhora, a Virgem Maria. Diz o Evangelho que «as encheram até acima» (*Jó 2, 7*). Imagino que alguns dos serventes terá olhado para Maria para ver se já bastava assim, e

CONTINUA NA PÁGINA 3

Óleo e crisma

Quase dois mil sacerdotes concelebraram a missa crismal presidida pelo Papa Francisco no altar da Confissão da basílica de São Pedro, na manhã de Quinta-Feira Santa. No dia em que os presbíteros renovam as promessas sacerdotais, o Pontífice falou do anúncio de alegria do Evangelho. Um dos momentos fortes da celebração foi a bênção do óleo e a consagração do crisma, introduzido pela procissão com três carrinhos – de cores diversas segundo o óleo contido nas ânforas – que partiu da capela da Piedade, através do transepto dos Santos Processo e Martiniano, ao cântico de Ó Redemptor. Os carrinhos – de cor branca para o óleo dos enfermos, roxo para o dos catecúmenos, vermelho para o crisma – foram levados por quatro diáconos. Outro diácono levava uma pequena ânfora com as substâncias perfumadas, depois derramadas no crisma. O Papa inclinou-se para soprar sobre a ânfora com o santo crisma e recitou a oração. O óleo para a celebração da missa foi oferecido pela Sacristia Pontifícia, e as essências perfumadas por Alchimia Natura de Módena e por Misilmeri de Palermo. O óleo será destinado à catedral de São João de Latrão, onde serão distribuídos aos sacerdotes de Roma para a administração dos sacramentos durante o ano.

Encontro com dez sacerdotes de Roma Boas notícias para o bispo

«Boas notícias» para o Papa: foram trazidas pelos dez sacerdotes romanos que almoçaram com ele no dia 13 de abril, Quinta-Feira Santa, na residência do arcebispo Angelo Becciu, substituto da Secretaria de Estado, renovando assim um momento de partilha e fraternidade que já se tornou uma tradição. Francisco ouviu com atenção estas «boas notícias», provenientes diretamente da sua diocese, a fim de conhecer cada vez mais a vida eclesial em Roma, com a sua vivacidade. Um modo para se dar conta pessoalmente que de veras a primeira riqueza são os pobres e as pessoas às quais ninguém presta atenção. Eis então as «fotografias» que lhe apresentaram, vistas sob diversos aspetos, das realidades das paróquias das periferias, quase sempre único ponto de referência e esperança para a população. E também o compromisso ao lado dos mais pobres nas casas-família ativas nas paróquias, confirmando o cuidado da comunidade cristã pelos marginalizados, com uma atenção renovada, relançada pelo jubileu da misericórdia, também a quantos vivem a experiência do cárcere.

No diálogo aberto e sincero «entre sacerdotes» foram apresentados ao Papa novos métodos de evangelização, sobretudo dirigidos aos jovens, baseados contudo na redescoberta de formas antigas de devoção como a tradicional peregrinação às sete basílicas. A catequese é um dos pontos fortes da pastoral diocesana e assim entre as «boas notícias» dadas ao Papa estava a novidade da melhor preparação dos catequistas. Um apóstolo que não exclui ninguém, a ponto que privilegia também a linguagem dos sinais. Não faltaram as confidências sacerdotais sobre as próprias histórias pessoais, feitas inclusive de sofrimentos causados por doenças.

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.
diretor-geral

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0055121042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionestem@ilsol24.ore.com

Em Paliano o Pontífice lava os pés a doze presos

Trabalho escravo

Na tarde de 13 de abril, Quinta-Feira Santa, o Papa Francisco foi à penitenciária de Paliano, na província de Frosinone e diocese de Palestrina (Itália), para se encontrar com os presos e celebrar a missa «in cena Domini», início do tríduo pascal. Durante o rito, o Pontífice lavou os pés a doze encarcerados. Publicamos a seguir a transcrição da homilia que o Santo Padre improvisou depois da proclamação do Evangelho.

Jesus estava presente na ceia, estava com eles na última ceia e, reza o Evangelho, Ele «sabia que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai». Sabia que fora traído e que teria sido entregue por Judas naquela mesma noite. «Tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim». Deus ama assim: até ao fim. Entrega a vida por cada um de nós, orgulha-se disto e deseja isto porque Ele tem amor: «Amar até ao fim». Não é fácil, porque todos nós somos pecadores, todos nós temos limites, defeitos, muitas coisas. Todos sabemos amar, mas não somos como Deus, que ama sem considerar as consequências, até ao fim. E dá o exemplo: e para o demonstrar, Ele que

era «o chefe», que era Deus, lava os pés aos seus discípulos. O hábito de lavar os pés era o costume que se seguia naquela época, antes dos almoços e dos jantares, porque não havia o asfalto e as pessoas caminhavam na poeira. Portanto, um dos gestos para receber uma pessoa em casa, e também para comer, era o lava-pés. Eram os escravos que o faziam, aqueles que tinham sido escravizados, mas Jesus inverte a situação e lava Ele mesmo os pés. Simão não queria que o fizesse, mas Jesus explicou-lhe que era assim, que Ele veio ao mundo para servir, para nos servir, para se tornar nosso servo, para dar a vida por nós, para nos amar até ao fim.



Hoje ao longo da estrada, ao chegar, vi muitas pessoas que me saudavam: «Vem o Papa, o chefe. O chefe da Igreja...». O chefe da Igreja é Jesus; não brinquemos! O Papa é a figura de Jesus e eu gostaria de fazer aquilo que Ele fez. Nesta cerimónia, o pároco lava os pés aos fiéis. Há uma inversão: aquele que parece o maior deve desempenhar a tarefa do escravo, mas para semear amor. Para semear amor entre nós, hoje não vos digo para irdes e lavardes os pés uns

aos outros: seria uma brincadeira. Mas o símbolo, a figura, sim: digovos que, se puderdes oferecer uma ajuda, desempenhar um serviço aqui no cárcere, a favor do companheiro, da companheira, fazei-o.

Porque isto é amor, isto é como lavar os pés. É ser servo dos outros. Certa vez, os discípulos discutiam entre si, para saber quem era o maior, o mais importante. E Jesus disse: «Quem quiser ser importante, deve tornar-se o mais pequenino e servir todos». E foi aquilo que Ele fez, é o que Deus faz com cada um de nós. Ele serve-nos, é o servo. Todos nós que somos pobres, todos! Mas Ele é grande, Ele é bom. E Ele ama-nos como somos. Por isso, durante esta celebração pensemos em Deus, em Jesus. Não se trata de uma cerimónia folclórica: é um gesto para recordar aquilo que Jesus nos deu. Em seguida, Ele pegou no pão e ofereceu-nos o seu Corpo; pegou no vinho e ofereceu-nos o seu Sangue. O amor de Deus é assim. Hoje, pensemos unicamente no amor de Deus.



Missa crismal

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

terá havido um gesto com o qual Ela terá dito para acrescentar mais um balde. Maria é o odre novo da plenitude contagiosa. Queridos amigos, sem Nossa Senhora não podemos avançar no nosso sacerdócio! Ela é «a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 286), é a Nossa Senhora da prontidão, Aquela que acabara de conceber em seu seio imaculado o Verbo da vida e já parte para ir visitar e servir a sua prima Isabel. A sua plenitude contagiosa permite-nos superar a tentação do medo: não ter coragem de se deixar encher até acima e transbordar, aquela pusilanquidade de não ir contagiar de alegria os outros. Não haja nada disto, porque «a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus» (*ibid.*, 1).

O segundo ícone da *Boa Nova* que quero partilhar convosco é aquele cântaro – com a sua concha de pau – que a Samaritana trazia à cabeça, sob o sol ardente do meio-dia (cf. *Jó* 4, 5-30). Expressa bem uma questão essencial: ser concreto. O Senhor, que é a Fonte de Água viva, não tinha um meio para tirar

água e beber alguns goles. E a Samaritana tirou água do seu cântaro com a concha e saciou a sede do Senhor. E saciou-a ainda mais com a confissão dos seus pecados concretos. Agitando o odre daquela alma samaritana, transbordante de misericórdia, o Espírito Santo derramou-se sobre todos os habitantes daquela pequena cidade, que convidaram o Senhor a demorar-se no meio deles.

Um odre novo com esta concretização inclusiva, no-lo presenteou o Senhor na alma «samaritana» que foi Madre Teresa de Calcutá. Ele chamou-a e disse-lhe: «Tenho sedes». «Vem, minha pequenina! Leva-Me aos tugúrios dos pobres. Vem! Sê a

minha luz. Não posso ir sozinho. Não Me conhecem, e por isso não Me querem. Leva-Me a eles». E ela, começando por um pobre concreto, com o seu sorriso e o seu modo de tocar as feridas com as mãos, levou a *Boa Nova* a todos. O modo de tocar as feridas com as mãos: as carícias sacerdotais aos doentes, aos desesperados. O sacerdote, homem da ternura. Concretização e ternura!

O terceiro ícone da *Boa Nova* é o Odre imenso do Coração trespassado do Senhor: integridade suave, humilde e pobre, que atrai todos a Si. D'Ele devemos aprender que, anunciar uma grande alegria àqueles que são muito pobres, só se pode fa-

zer de forma respeitosa e humilde, até à humilhação. A evangelização não pode ser presunçosa. Concreta, terna e humilde: assim a evangelização será jubilosa. A evangelização não pode ser presunçosa; a integridade da verdade não pode ser rígida, porque a verdade fez-se carne, fez-se ternura, fez-se criança, fez-se homem, fez-se pecado na cruz (cf. *2 Cor* 5, 21). O Espírito anuncia e ensina «a verdade completa» (*Jó* 16, 13), e não tem medo de a dar a beber aos goles. O Espírito diz-nos, em cada momento, aquilo que devemos dizer aos nossos adversários (cf. *Mt* 10, 19) e ilumina-nos sobre o pequeno passo em frente que podemos dar naquele momento. Esta integridade suave dá alegria aos pobres, reanima os pecadores, faz respirar aqueles que estão oprimidos pelo demónio.

Queridos sacerdotes, contemplan-do e bebendo destes três odres novos, que a *Boa Nova* tenha em nós a plenitude contagiosa que Nossa Senhora transmite com todo o seu ser, a concretização inclusiva do anúncio da Samaritana e a integridade suave com que o Espírito jorra e se derrama incessantemente a partir do Coração trespassado de Jesus, Nosso Senhor.

Oração do Papa pela Igreja copta

A proximidade e a solidariedade do Papa Francisco foram transmitidas ao patriarca da Igreja copta ortodoxa, Teodoro (Tawadros) II, pelo cardeal Kurt Koch, presidente do Pontifício conselho para a promoção da unidade dos cristãos, que no dia 11 de abril – como mencionou o Serviço de informação religiosa (Sir) – visitou a sede do patriarcado juntamente com o arcebispo Bruno Musarò, núncio apostólico no Egito, e com monsenhor Yoannis Lahzi Gaid. A mencionada agência de notícias, citando fontes do patriarcado, recordou que a delegação manifestou também a proximidade de Bento XVI.

Aquela cruz cósmica suspensa sobre o mundo

Entre o céu e a água

Na tarde de 14 de abril, Sexta-Feira Santa, na basílica de São Pedro, o Papa presidiu à celebração da Paixão do Senhor. Após a proclamação do Evangelho de João (18, 1 – 19, 42), o pregador da Casa pontifícia proferiu a seguinte homília.

RANIERO CANTALAMESSA

Escutamos a narrativa da Paixão de Cristo. Trata-se, essencialmente, do relato de uma morte violenta. Notícias de mortes, e mortes violentas, quase nunca faltam nos noticiários vespertinos. Também nestes últimos dias, temos escutado tais notícias, como a dos 38 cristãos coptas assassinados no Egito no Domingo de Ramos. Estas notícias se sucedem com tal rapidez, que nos fazem esquecer, a cada noite, as do dia anterior. Por que, então, após 2000 anos, o mundo ainda recorda, como se tivesse acontecido ontem, a morte de Cristo? É que esta morte mudou para sempre o rosto da morte; ela deu um novo sentido à morte de cada ser humano. Sobre ela, refletimos por um momento.

«Chegando, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água» (Jo 19, 33-34). No início do seu ministério, aqueles que lhe perguntavam com qual autoridade ele expulsava os vendedores do templo, Jesus disse: «Destruí este templo e em três dias eu o levantarei». «Ele falava do templo do seu corpo» (Jo 2, 19, 21), havia comentado João naquela ocasião, e eis que agora o próprio evangelista nos diz que do lado deste templo «destruído» jorra água e sangue. É uma clara alusão à profecia de Ezequiel que falava do futuro templo de Deus, daquele lado do qual jorra um fio de água que se torna primeiro um riacho, depois um rio navegável, em torno do qual floresce toda forma de vida.

Mas, penetremos no epicentro da fonte deste «rio de água viva» (Jo 7, 38), no coração trespassado de Cristo. No Apocalipse, o mesmo discípulo que Jesus amava escreve: «Com efeito, entre o trono com os quatro Viventes e os Anciãos, vi um Cordeiro de pé, como que imolado» (Ap 5, 6). Imolado, mas de pé, ou seja, trespassado, mas ressuscitado e vivo.

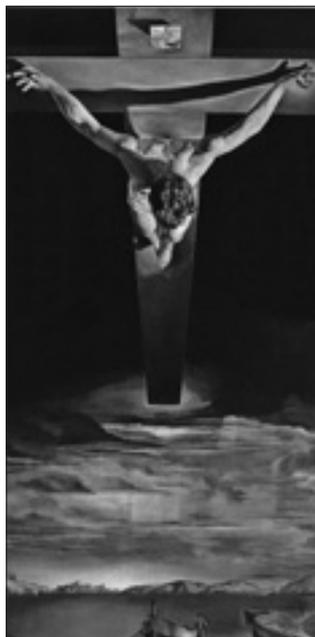
Existe agora, dentro da Trindade e dentro do mundo, um coração humano que bate, não só metaforicamente, mas realmente. Se, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, também o seu coração ressuscitou dentre os mortos; este coração vive, como todo o resto do seu corpo, em uma dimensão diferente da primeira, real, embora mística. Se o Cordeiro vive no céu «imolado, mas de pé», também o seu coração compartilha o mesmo estado; é um coração trespassado, mas vivente; eternamente trespassado, precisamente porque eternamente vivente.

Há uma expressão que foi criada justamente para descrever a profundidade da maldade que pode aglutinar-se no seio da humanidade: «coração de trevas». Depois do sacrifício de Cristo, mais profundo do que o coração de trevas, palpita no mun-

do um coração de luz. Cristo, de fato, subindo ao céu, não abandonou a terra, assim como, encarnando-se, não tinha abandonado a Trindade.

«Agora cumpre-se o plano do Pai – diz uma antífona da Liturgia das horas – fazer de Cristo o coração do mundo». Isso explica o irredutível otimismo cristão que fez uma mística medieval exclamar: «O pecado é inevitável, mas tudo ficará bem e todo tipo de coisa ficará bem» (Juliana de Norwich).

Os monges cartuxos adotaram um lema que aparece na entrada de seus mosteiros, nos seus documentos oficiais e em outras ocasiões. Nele está representado o globo terrestre encimado por uma cruz, rodeado pela inscrição: «Stat crux dum volvitur orbis»: A Cruz permanece intacta enquanto o Mundo dá sua órbita.



S. Dalí, «Cristo de São João da Cruz» (1951)

O que é a cruz, para ser esse ponto fixo, este mastro, no meio dos balanços do mundo? Ela é o «Não» definitivo e irreversível de Deus à violência, à injustiça, ao ódio, à mentira, a tudo aquilo que nós chamamos de «mal»; e é ao mesmo tempo o «Sim» também irreversível ao amor, à verdade, ao bem. «Não» ao pecado, «Sim» ao pecador. É o que Jesus praticou em toda a sua vida e que agora consagra definitivamente com a sua morte.

A razão para esta distinção é clara: o pecador é criatura de Deus e mantém a sua dignidade, apesar de todos os seus desvios; o pecado não; este, é uma realidade espúria, adendo, fruto das próprias paixões e da «inveja do demônio» (Sb 2, 24). É a mesma razão pela qual o Verbo, encarnando-se, assumiu tudo do homem, exceto o pecado. O bom ladrão, a quem Jesus moribundo promete o paraíso, é a prova viva de tudo isso. Ninguém deve se desesperar; ninguém deve dizer, como

Caim: «Muito grande é a minha culpa para obter o perdão» (Gn 4, 13).

A cruz não «está», portanto, contra o mundo, mas pelo mundo: para dar um sentido a todo o sofrimento que houve, que há e que haverá na história humana. «Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo – diz Jesus a Nicodemos – mas para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3, 17). A cruz é a proclamação viva de que a vitória final não é de quem triunfa sobre os outros, mas de quem triunfa sobre si mesmo; não daqueles que causam sofrimento, mas daqueles que sofrem.

«Dum volvitur Orbis», enquanto o mundo dá a sua órbita. A história humana conhece muitas passagens de uma época para outra: se fala da idade da pedra, do bronze, do ferro, da era Imperial, da era atômica, da era eletrônica. Mas hoje há algo de novo. A ideia de transição já não é suficiente para descrever a realidade atual. A ideia de mutação deve ser combinada com a de fragmentação. Vivemos, alguém escreveu, em uma sociedade «líquida»; não existem mais pontos fixos, valores incontáveis, nenhuma rocha no mar, à qual possamos nos agarrar, ou contra a qual colidir. Tudo é flutuante.

Realizou-se o pior cenário que o filósofo havia previsto como resultado da morte de Deus, que o advento do super-homem deveria ter impedido, mas que não impediu: «Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? Não estaremos errando como num nada infinito?» (F. Nietzsche, A Gaia Ciência, aforismo 125).

Foi dito que «matar Deus é o suicídio mais horrendo», e é isso que estamos vendo em parte. Não é verdade que «onde Deus nasce, o homem morre» (J.-P. Sartre); o oposto é verdadeiro: onde morre Deus, morre o homem.

Um pintor surrealista da segunda metade do século passado (Salvador Dalí) pintou um crucifixo que parece uma profecia desta situação. Uma imensa cruz, cósmica, com um Cristo acima, também monumental, visto do alto, com a cabeça inclinada para baixo. Abaixo dele, no entanto, não há nenhuma terra firme, mas a água. O Crucifixo não está suspenso entre o céu e a terra, mas entre o céu e o componente líquido do mundo.

Este quadro trágico (há também, no fundo, uma nuvem que poderia aludir à nuvem atômica), contém, no entanto, uma consoladora certeza: há esperança também para uma sociedade líquida como a nossa! Há esperança, porque acima dela «está a cruz de Cristo». É o que a liturgia da Sexta-feira Santa nos faz repetir todos os anos com as palavras do poeta Venanzio Fortunato: «O crux, ave spe unica», Salve, ó Cruz, única esperança do mundo.

Sim, Deus está morto, morreu em seu Filho Jesus Cristo; mas não ficou no sepulcro, ressuscitou. «Vós o

crucificastes – grita Pedro à multidão no dia de Pentecostes – mas Deus o ressuscitou!» (At 2, 23-24). Ele é aquele que «estava morto, mas agora vive pelos séculos dos séculos» (Ap 1, 18). A cruz não «está» imóvel no meio das turbulências do mundo como um lembrete de um evento passado, ou um puro símbolo; está como uma realidade em ato, viva e operante.

Tornaríamos vã, no entanto, esta liturgia da Paixão, se ficássemos, como os sociólogos, na análise da sociedade em que vivemos. Cristo não veio para explicar as coisas, mas para mudar as pessoas. O coração de trevas não é apenas aquele de algum malvado escondido no fundo da selva, e nem mesmo aquele da nação e da sociedade que o produziu. Em diferente medida está dentro de cada um de nós.

A Bíblia o chama de coração de pedra, «Tirarei do vosso peito o coração de pedra – diz Deus ao profeta Ezequiel – vos darei um coração de carne» (Ez 36, 26). Coração de Pedra é o coração fechado à vontade de Deus e ao sofrimento dos irmãos, o coração de quem acumula quantidades ilimitadas de dinheiro e permanece indiferente ao desespero de quem não tem um copo de água para dar ao próprio filho; é também o coração de quem se deixa completamente dominar pela paixão impura, pronto para matar ou a levar uma vida dupla. Para não ficarmos com o olhar sempre dirigido para o exterior, para os demais, digamos mais concretamente: é o nosso coração de ministros de Deus e de cristãos praticantes se vivemos ainda, basicamente, «para nós mesmos» e não «para o Senhor».

Está escrito que no momento da morte de Cristo «o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo, a terra tremeu, e as rochas se partiram, os túmulos se abriram e muitos corpos de santos mortos ressuscitaram» (Mt 27, 51 s.). Destes sinais se dá, normalmente, uma explicação apocalíptica, como de uma linguagem simbólica necessária para descrever o evento escatológico. Mas eles também têm um significado parenético: indicam o que deve acontecer no coração de quem lê e medita a Paixão de Cristo. Em uma liturgia como esta, São Leão Magno dizia aos fiéis: «Treme a natureza humana perante a execução do Redentor, quebrem-se as rochas dos corações infieis e os que estavam encerrados nos sepulcros de sua mortalidade saiam para fora, levantando a pedra que estava sobre eles» (Sermo 66, 3; PL 54, 366). O coração de carne, prometido por Deus nos profetas, já está presente no mundo: é o Coração de Cristo trespassado na cruz, aquele que veneramos como «o Sagrado Coração». Ao receber a Eucaristia, acreditamos firmemente que aquele coração vem bater também dentro de nós. Olhando para a cruz daqui a pouco digamos do profundo do coração, como o publicano no templo: «Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!», e também nós, como ele, voltaremos para casa «justificados» (Lc 18, 13-14). (tradução de Thácio Siqueira)



Os dramas, as devastações e as injustiças do mundo ressoaram na oração do Papa Francisco no Coliseu, onde na noite de Sexta-Feira santa, 14 de abril, presidiu à tradicional Via-sacra na presença de vinte mil fiéis.

Ó Cristo deixado sozinho

e traído até pelos teus

e vendido a baixo preço.

Ó Cristo julgado pelos pecadores, entregue pelos Chefes.

Ó Cristo ferido na carne, coroado de espinhos e vestido de púrpura. Ó Cristo espancado e crucificado de modo atroz.

Ó Cristo trespassado pela lança que dilacerou o teu coração.

Ó Cristo morto e sepultado, tu que és o Deus da vida e da existência.

Ó Cristo, nosso único Salvador, voltamos a ti também este ano com os olhos baixos de vergonha e com o coração cheio de esperança:

De vergonha por todas as imagens de devastações, destruições e naufrágio que se tornaram comuns na nossa vida;

Vergonha pelo sangue inocente que diariamente é derramado por mulheres, crianças, imigrantes e pessoas perseguidas pela cor da pele ou pela pertença étnica e social e pela fé em Ti;

Vergonha pelas demasiadas vezes que, como Judas e Pedro, te vendemos e traímos, deixando-te sozinho a morrer pelos nossos pecados, fugindo como cobardes das nossas responsabilidades;

No final da via-sacra o Papa recordou as injustiças do mundo

Vergonha pelo sangue inocente

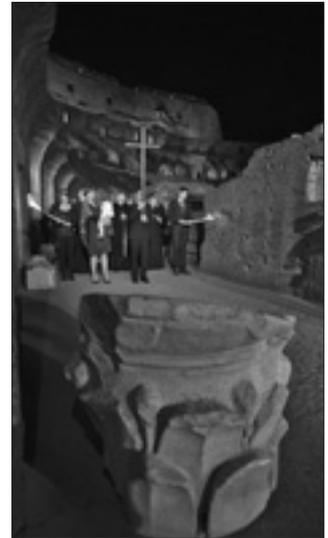
Vergonha pelo nosso silêncio diante das injustiças: pelas nossas mãos preguiçosas para dar e ávidas para agarrar e conquistar; pela nossa voz vibrante para defender os nossos interesses e tímida para falar daqueles dos outros; pelos nossos pés velozes no caminho do mal e paralisados naquele do bem;

Vergonha por todas as vezes que nós Bispos, Sacerdotes, consagrados e consagradas escandalizámos e ferimos o teu corpo, a Igreja; e esquecemos o nosso primeiro amor, o nosso primeiro entusiasmo e a nossa total disponibilidade, deixando que o nosso coração e a nossa consagração se enferrujassem.

Muita vergonha Senhor mas o nosso coração está saudoso também da esperança confiante que tu não nos tratas segundo os nossos méritos mas unicamente de acordo com a abundância da tua Misericórdia; que as nossas traições não fazem falhar a imensidade do teu amor; que o teu coração, materno e paterno, não nos esquece pela dureza das nossas vísceras;

A esperança certa de que os nossos nomes estão gravados no teu coração e que temos lugar na pupila dos teus olhos;

A esperança de que a tua Cruz transforma os nossos corações endu-



recidos em coração de carne capazes de sonhar, perdoar e amar; transforma esta noite tenebrosa da tua cruz em alvorada fulgurante da tua Ressurreição;

A esperança de que a tua fidelidade não se baseia na nossa:

A esperança de que a fila de homens e mulheres fiéis à tua Cruz continua e continuará a viver fiel como o fermento que dá sabor e como a luz que abre novos horizontes no corpo da nossa humanidade ferida;

A esperança de que a tua Igreja procurará ser a voz que clama no deserto da humanidade a fim de preparar o caminho do teu regresso triunfal, quando vieres julgar os vivos e os mortos;

A esperança de que o bem vencerá não obstante a sua aparente derrota!

Ó Senhor Jesus, Filho de Deus, vítima inocente da nossa salvação, diante da tua nobreza, do teu mistério de morte e de glória, diante do teu patíbulo, ajoelhamo-nos, envergonhados e esperançosos, e pedimos-te que nos laves no sangue e na água que brotaram do teu Coração dilacerado; que perdoes os nossos pecados e culpas;

Pedimos-te que te recordes dos nossos irmãos sufocados pela violência, pela indiferença e pela guerra;

Pedimos-te que rompas as correntes que nos mantêm prisioneiros no nosso egoísmo, na nossa cegueira voluntária e na vaidade dos nossos cálculos mundanos.

Ó Cristo, pedimos-te que nos ensines a nunca nos envergonhar da tua Cruz, a não a instrumentalizar mas a honrá-la e adorá-la, porque com ela Tu nos manifestaste a monstruosidade dos nossos pecados, a grandeza do teu amor, a injustiça dos nossos julgamentos e o poder da tua misericórdia. Amém!

Uma aurora diferente

Foi centrada no rosto das mulheres testemunhas da Ressurreição, a homilia do Papa durante a vigília pascal na noite santa, celebrada na basílica de São Pedro no sábado 15 de abril. «Se fizermos um esforço com a nossa imaginação — disse o Pontífice — no rosto destas mulheres» reflete-se o rosto «de tantas mães e avós, de crianças e jovens que carregam o peso e a dor de uma grande injustiça humana».

«Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro» (Mt 28, 1). Podemos imaginar aqueles passos: o passo típico de quem vai ao cemitério, passo cansado da confusão, passo debilitado de quem não se convence que tudo tenha acabado assim. Podemos imaginar os seus rostos pálidos, banhados pelas lágrimas. É a pergunta: como é possível que o Amor tenha morrido?

Ao contrário dos discípulos, elas ali vão, como já acompanharam o último respiro do Mestre na cruz e, depois, a sepultura que lhe deu José de Arimateia; duas mulheres capazes de não fugir, capazes de resistir, de enfrentar a vida tal como se apresenta e suportar o sabor amargo das injustiças. Ei-las chegar diante do sepulcro, divididas entre a tristeza e a incapacidade de se re-



signarem, de aceitarem que tudo tenha sempre de acabar assim.

E, se fizermos um esforço de imaginação, no rosto destas mulheres podemos encontrar os rostos de tantas mães e avós, os rostos de crianças e jovens que suportam o peso e o sofrimento de tanta desumanidade injusta. Nos seus rostos, vemos refletidos os rostos de todos aqueles que, caminhando pela cidade, sentem a tribulação da miséria, a tribulação causada pela exploração e o tráfico humano. Neles, vemos também os rostos daqueles que experimentam o desprezo, porque são imigrantes, órfãos de pátria, de casa, de família; os rostos daqueles cujo olhar revela solidão e abandono, porque têm mãos com demasiadas

das rugas. Refletem o rosto de mulheres, de mães que choram ao ver que a vida dos seus filhos fica sepultada sob o peso da corrupção que subtrai direitos e quebra tantas aspirações, sob o egoísmo diário que crucifica e sepulta a esperança de muitos, sob a burocracia paralisadora e estéril que não permite que as coisas mudem. Na sua tristeza, elas têm o rosto de todos aqueles que, ao caminhar pela cidade, veem a dignidade crucificada.

No rosto destas mulheres, há muitos rostos; talvez encontremos o teu rosto e o meu. Como elas, podemos sentir-nos impelidos a caminhar, não nos resignando com o



Homilia na missa do domingo de Páscoa

O mistério da pedra rejeitada

A conversa que teve no dia anterior com um jovem gravemente doente foi revelada pelo Papa Francisco durante a missa de Páscoa, celebrada na praça de São Pedro na manhã de 16 de abril. Pela primeira vez, durante este rito o Pontífice pronunciou a homilia. Eis a sua transcrição.

Hoje a Igreja repete, canta, clama: «Jesus ressuscitou!». Mas como? Pedro, João, as mulheres foram ao Sepulcro e viram-no vazio. Ele já não estava lá. Voltaram com o coração apertado pela tristeza, a tristeza de uma derrota: o Mestre, o seu Mestre, que amavam muito tinha sido executado, morreu. E da morte não se volta. Esta é a derrota, este é o caminho da derrota, a via para o sepulcro. Mas o Anjo disse-lhes: «Não está aqui, ressuscitou».

Foi o primeiro anúncio: «Ressuscitou». E depois a confusão, o coração

apertado, as aparições. Mas os discípulos permanecem fechados o dia inteiro no Cenáculo, porque tinham medo que acontecesse a eles o mesmo que aconteceu a Jesus. E a Igreja não cessa de dizer às nossas derrotas, aos nossos corações fechados e temerosos: «Parem, o Senhor ressuscitou». Mas se o Senhor ressuscitou, como existem essas situações? Tantas desgraças, doenças, tráfico de pessoas, guerras, destruições, mutilações, vinganças, ódio? Mas onde está o Senhor?

Ontem telefonei a um jovem que sofre de uma doença grave, um rapaz culto, engenheiro, e falando, para dar um sinal de fé, disse-lhe: «Não há explicações para o que te aconteceu. Olha para Jesus na Cruz, Deus fez isto com o seu Filho, e não há outra explicação». E ele respondeu-me: «Sim, mas Ele perguntou ao Filho, o qual disse sim. A mim não perguntou se eu queria». Isto comove-nos, não pergunta a nenhum de nós: «Mas estás contente com o que acontece no mundo? Estás disposto a carregar esta cruz?». E a cruz vai em frente, e a fé em Jesus diminui. Hoje a Igreja continua a dizer: «Para, Jesus ressuscitou». Isto não é imaginação, a Ressurreição de Cristo não é uma festa com muitas flores. É bonito, mas não é só isto, é mais: é o mistério da pedra descartada que acaba por ser o fundamento da nossa existência. Cristo ressuscitou, eis o que significa.

meio das vicissitudes do mundo, para que quantos se encontrem em tribulações e dificuldades não permaneçam vítimas do pessimismo nem da derrota, da resignação, mas vejamos em nós muitos irmãos e irmãs que lhes oferecem apoio e consolação. A nossa Mãe nos ajude a crer firmemente na ressurreição de Jesus: Jesus ressuscitou, está vivo aqui, entre nós, e isto é um mistério de salvação admirável com a capacidade de transformar os corações e a vida. E interessa de modo particular pelas comunidades cristãs perseguidas e oprimidas que hoje, em muitas partes do mundo são chamadas a um testemunho mais difícil e corajoso.

E agora, na luz e na alegria da Páscoa, dirigamo-nos a ela com a oração que durante cinquenta dias, até ao Pentecostes, substitui o *Angelus*.

No final da prece mariana o Pontífice saudou os vários grupos de fiéis, renovando os bons votos pascoais.

Queridos irmãos e irmãs!

No clima pascal que caracteriza este dia, saúdo cordialmente todos vós, famílias, grupos paroquiais, associações e peregrinos, provenientes da Itália e de várias partes do mundo.

A cada um de vós desejo que transcorrais na serenidade estes dias do Oitavário de Páscoa, nos quais se prolonga a alegria da Ressurreição de Cristo. Aproveitai todas as boas ocasiões para ser testemunhas da paz do Senhor ressuscitado.

Feliz e Santa Páscoa a todos! Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

«Seremos homens e mulheres de ressurreição se, no meio das vicissitudes que atormentam o mundo — hoje há tantas — soubermos ter gestos de solidariedade e de acolhimento»: frizou o Papa no Regina caeli recitado com os fiéis na praça de São Pedro ao meio dia de 17 de abril, segunda-feira do Anjo.

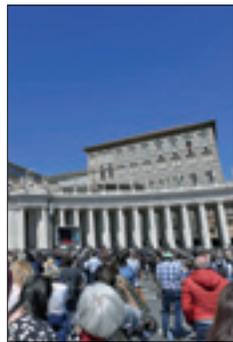
Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Nesta segunda-feira de festa, conhecida como «Segunda-feira do Anjo», a liturgia faz ressoar o anúncio da Ressurreição proclamado ontem: «Cristo ressuscitou, aleluia!». No trecho evangélico hodierno podemos ouvir o eco das palavras que o Anjo dirige às mulheres que foram ao sepulcro: «Ide depressa e dizei aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos» (Mt 28, 7). Sentimos como dirigido também a nós o convite a «ir depressa» e «anunciar» aos homens e às mulheres do nosso tempo esta mensagem de alegria e esperança. De esperança certa, porque desde quando, na aurora do terceiro dia, Jesus crucificado ressuscitou, a última palavra já não é da morte, mas da vida! E esta é a nossa certeza. A última palavra não é o sepulcro, não é a morte, é a vida! Por isso, repitamos: «Cristo ressuscitou». Porque «Nile o sepulcro foi derrotado, nasceu a vida».

Em razão deste acontecimento, que constitui a verdadeira novidade da história e do cosmos, somos chamados a ser homens e mulheres novos segundo o Espírito, afirmando o valor da vida. Há vida! Isto já é começar a ressuscitar! Seremos homens e mulheres de ressurreição, homens e mulheres de vida, se no meio das vicissitudes que o mundo experimenta — hoje há muitas — no meio da mundanidade que afasta

de Deus, saberemos fazer gestos de solidariedade, de acolhimento, e alimentar o desejo universal da paz e a aspiração a um ambiente livre da degradação. Trata-se de sinais comuns e humanos, mas que, apoiados e animados pela fé no Senhor Ressuscitado, adquirem uma eficácia muito superior às nossas capacidades. E isto é assim porque Cristo está vivo e operante na história por meio do seu Espírito Santo: resgata as nossas misérias, alcança cada coração humano e dá de novo esperança a quantos se sentem oprimidos e sofredores.

A Virgem Maria, testemunha silenciosa da morte e da ressurreição do seu filho Jesus, nos ajude a ser sinais límpidos de Cristo ressuscitado no



Francisco pediu a coragem de evitar a propagação dos conflitos

Paz aos nossos dias

«Nas complexas e por vezes dramáticas vicissitudes dos povos, o Senhor Ressuscitado guie os passos de quem procura a justiça e a paz; e conceda aos responsáveis das Nações a coragem de evitar a dilatação dos conflitos e de impedir o tráfico das armas». Foram os votos do Papa Francisco na mensagem à cidade e ao mundo pronunciada da varanda da Bênção de São Pedro, depois de ter celebrado, no domingo 16 de abril, a missa de Páscoa na Praça de São Pedro.

Queridos irmãos e irmãs
Feliz Páscoa!

Hoje, em todo o mundo, a Igreja renova o anúncio maravilhoso dos primeiros discípulos: «Jesus ressuscitou!» — «Ressuscitou verdadeiramente, como havia predito!».

A antiga festa de Páscoa, memorial da libertação do povo hebreu da escravidão, alcança aqui o seu cumprimento: Jesus Cristo, com a sua ressurreição, libertou-nos da escravidão do pecado e da morte e abriu-nos a passagem para a vida eterna.

Todos nós, quando nos deixamos dominar pelo pecado, perdemos o caminho certo e vagamos como ovelhas perdidas. Mas o próprio Deus, o nosso Pastor, veio procurar-nos e, para nos salvar, abaixou-se até à humilhação da cruz. E hoje podemos proclamar: «Ressuscitou o bom Pastor, que deu a vida pelas suas ovelhas e se entregou à morte pelo seu rebanho. Aleluia!» (Missal Romano, 4º Domingo de Páscoa, Antífona da Comunhão).

Através dos tempos, o Pastor ressuscitado não se cansa de nos procurar, a nós seus irmãos extraviados nos desertos do mundo. E, com os sinais da Paixão — as feridas do seu amor misericordioso — atrai-nos ao seu caminho, o caminho da vida. Também hoje Ele toma sobre os seus ombros muitos dos nossos irmãos e irmãs oprimidos pelo mal nas suas mais variadas formas.

O Pastor ressuscitado vai à procura de quem se extraviou nos labirintos da solidão e da marginalização; vai ao seu encontro através de irmãos e irmãs que sabem aproximar-se com respeito e ternura e fazer sentir àquelas pessoas a voz d'Ele, uma voz nunca esquecida, que as chama à amizade com Deus.

Cuida de quantos são vítimas de escravidões antigas e novas: trabalhos desumanos, tráficos ilícitos, exploração e discriminação, dependências graves. Cuida das crianças e adolescentes que se veem privados da sua vida despreocupada para serem explorados; e de quem tem o coração ferido pelas violências que sofre dentro das paredes da própria casa.

O Pastor ressuscitado faz-se companheiro de viagem das pessoas que são forçadas a deixar a sua terra por causa de conflitos armados, ataques terroristas, carestias, regimes opressores. A estes migrantes força-

dos, Ele faz encontrar, sob cada ângulo do céu, irmãos que compartilham o pão e a esperança no caminho comum.

Nas vicissitudes complexas e por vezes dramáticas dos povos, que o Senhor ressuscitado guie os passos de quem procura a justiça e a paz; e dê aos responsáveis das nações a coragem de evitar a propagação dos conflitos e deter o tráfico das armas.

Concretamente nos tempos que correm, sustente os esforços de quantos trabalham ativamente para levar alívio e conforto à população civil na Síria, a amada e martirizada Síria, vítima duma guerra que não cessa de semear horrores e morte. Ontem mesmo teve lugar

o último ataque vergonhoso aos refugiados em fuga, que deixou numerosos mortos e feridos. Conceda paz a todo o Médio Oriente, a começar pela Terra Santa, bem como ao Iraque e ao Líbano.

Não falte a proximidade do Bom Pastor às populações do Sudão do Sul, do Sudão, da Somália e da República Democrática do Congo, que sofrem o perdurar de conflitos, agravados pela gravíssima carestia que está a afetar algumas regiões da África.

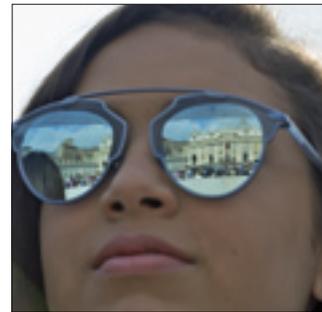
Jesus ressuscitado sustente os esforços de quantos estão empenhados, especialmente na América Latina, em garantir o bem comum das várias nações, por vezes marcadas por tensões políticas e sociais que, nalguns casos, desembocaram em violência. Que seja possível construir pontes de diálogo, perseverando na luta contra o flagelo da corrupção e na busca de soluções pacíficas viáveis para as controvérsias, para o progresso e a consolidação das instituições democráticas, no pleno respeito pelo estado de direito.

Que o Bom Pastor ajude a Ucrânia, atormentada ainda por um conflito sangrento, a reencontrar a concordância, e acompanhe as iniciativas tendentes a aliviar os dramas de quantos sofrem as suas consequências.

O Senhor ressuscitado, que não cessa de cumular o continente europeu com a sua bênção, dê esperança a quantos atravessam momentos de crise e dificuldade, nomeadamente por causa da grande falta de emprego, sobretudo para os jovens.

Queridos irmãos e irmãs, este ano, nós, os crentes de todas as denominações cristãs, celebramos juntos a Páscoa. Assim ressoa, a uma só voz, em todas as partes da terra, o mais belo anúncio: «O Senhor ressuscitou verdadeiramente, como havia predito!» Ele, que venceu as trevas do pecado e da morte, conceda paz aos nossos dias.

Feliz Páscoa!



Esperança para os jovens

No final da celebração, depois da mensagem transmitida à cidade e ao mundo e após a bênção conclusiva, o Sínodo Pontifício dirigiu ainda os bons votos a todos os fiéis presentes, agradecendo aos vicecristãos holandeses as decorações florais que adornaram a praça de São Pedro durante as celebrações pascoais.

Estimados irmãos e irmãs!

Transmito os meus votos de Feliz Páscoa a todos vós, aqui vindos da Itália e de vários países, assim como a quantos estão ligados através dos diversos meios de comunicação. O anúncio pascal de Cristo

Ressuscitado possa reavivar as esperanças das vossas famílias e das vossas comunidades, de maneira particular das novas gerações, futuro da Igreja e da humanidade.

Dirijo um agradecimento especial a quantos ofereceram e a quem compôs as decorações florais, que também este ano vieram dos Países Baixos.

Possais sentir cada dia a presença do Senhor Ressuscitado e compartilhar com o próximo a alegria e a esperança que Ele nos concede. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Feliz Festa e até à vista!

Festa bávara para Bento XVI

Aniversário em família, celebrado segundo o estilo bávaro. Na tarde de segunda-feira 17 de abril, no dia seguinte ao nonagésimo aniversário de Bento XVI, realizou-se um momento de festa no mosteiro Mater Ecclesiae nos Jardins do Vaticano. Ao lado do festejado, o irmão, monsenhor Georg Ratzinger; e com eles o arcebispo Georg Gänswein, as Memores Domini que assistem o Pontífice emérito e Birgit Wansing. O primeiro-ministro da Baviera, Horst Seehofer, com uma delegação do Land alemão, e uma companhia de Schützen, com os seus trajes folclóricos trouxeram-lhe as felicitações, os dons e os sabores da sua terra, inclusive a tradicional caneca de cerveja e os Bretzels, pão típico da região. No final do encontro, antes de conceder a bênção a todos os participantes, Bento XVI pronunciou palavras de gratidão: «Agradeço-vos por me terdes feito voltar à minha lindíssima terra».



Durante a vigília pascal

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

facto de que as coisas devem acabar assim. É verdade que trazemos dentro uma promessa e a certeza da fidelidade de Deus. Mas também os nossos rostos falam de feridas, falam de muitas infidelidades – nossas e dos outros – falam de tentativas e de batalhas perdidas. O nosso coração sabe que as coisas podem ser diferentes; mas, quase sem nos apercebermos, podemos habituar-nos a conviver com o sepulcro, a conviver com a frustração. Mais ainda, pode-

aquelas mulheres receberam um forte estremecimento, algo e alguém fez tremer o solo sob os seus pés. Mais uma vez, alguém vem ao encontro delas dizendo: «*Não tenhais medo*», mas desta vez acrescentando: «*Ressuscitou, como tinha dito*». E tal é o anúncio com que nos presenteia, de geração em geração, esta Noite Santa: *não tenhamos medo, irmãs! Ressuscitou, como tinha dito*. A vida arrancada, destruída, aniquilada na cruz despertou e volta a palpitar de novo (cf. R. Guardini, *Il Signore*, Milão 1984, 501). O palpitar do Res-

obecadas buscas de segurança e nas ambições desmesuradas capazes de jogar com a dignidade alheia.

Quando o sumo sacerdote, os chefes religiosos em convivência com os romanos pensaram poder calcular tudo, quando pensaram que estava dita a última palavra e que competia a eles estabelecê-la, irrompe Deus para transtornar todos os critérios e, assim, oferecer uma nova oportunidade. Uma vez mais, Deus vem ao nosso encontro para estabelecer e consolidar um tempo novo: o tempo da misericórdia. Esta é a promessa desde sempre reservada, esta é a surpresa de Deus para o seu povo fiel: *alegra-te, porque a tua vida esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar*.

Eis o que esta noite nos chama a anunciar: o palpitar do Ressuscitado, Cristo vive! E foi isto que mudou o passo de Maria de Magdala e da outra Maria: é o que as faz regressar à pressa e correr a dar a notícia (cf. *Mt* 28, 8); é o que as faz voltar sobre os seus passos e sobre os seus olhares; regressam à cidade para se encontrar com os outros.

Como entramos com elas no sepulcro, assim vos convido a irmos também com elas, a regressarmos à cidade, a voltarmos sobre os nossos passos, sobre os nossos olhares. Vamos com elas comunicar a notícia, vamos... a todos aqueles lugares onde parece que o sepulcro teve a última palavra e onde parece que a morte foi a única solução. Vamos anunciar, partilhar, revelar que é verdade: o Senhor está Vivo. Está vivo e quer ressurgir em tantos rostos que sepultaram a esperança, sepultaram os sonhos, sepultaram a dignidade. E, se não somos capazes de deixar que o Espírito nos conduza por esta estrada, então não somos cristãos.

Vamos e deixemo-nos surpreender por esta alvorada diferente, deixemo-nos surpreender pela novidade que só Cristo pode dar. Deixemos que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos, deixemos que o pulsar do seu coração transforme o nosso ténue palpitar.

Visita pastoral a 1 de outubro

O Pontífice em Cesena e Bolonha

No domingo 1 de outubro, o Papa Francisco irá em visita pastoral a Cesena, para celebrar os trezentos anos do nascimento de Pio VI (Giannangelo Braschi), e a Bolonha, por ocasião do congresso eucarístico diocesano. Assim, o Pontífice aceitou os convites apresentados pelo bispo de Cesena-Sarsina, D. Douglas Regattieri, e pelo arcebispo de Bolonha, D. Matteo Maria Zuppi.

O programa prevê a partida do Papa de helicóptero do Vaticano às 7h00 e a sua chegada, uma hora mais tarde, ao hipódromo de Cesena. Dois momentos da primeira etapa: o abraço à população, na praça do Povo, e o encontro com o clero, os jovens e as famílias, na catedral da cidade.

Às 10h00 o Papa partirá de Cesena de helicóptero e chegará a Bolonha vinte minutos mais tarde. Particularmente significativa será a visita ao Hub regional da via Mattei, onde terá lugar o encontro com os jovens do norte da África que desembarcaram no litoral italiano. Ao meio-dia presidirá à prece mariana do Angelus na praça Grande e às 12h30 almoçará com os pobres na basílica de São Petronio. Às 14h30, na catedral da cidade, encontrar-se-á com o clero, e às 15h30, na basílica de São Domingos, terá um diálogo com o mundo universitário local.

O momento conclusivo e culminante da visita pastoral do Papa Francisco será, às 17h00, a celebração eucarística da missa. Nesse dia, em Bolonha, celebra-se o Domingo da Palavra para renovar – explica-se numa nota emanada pela arquidiocese – «o compromisso em prol da difusão, do conhecimento e do aprofundamento da Sagrada Escritura». Nessa ocasião, todos receberão um exemplar do Evangelho. Por fim, às 18h45, o Papa deixará a cidade regressando de helicóptero ao Vaticano.



mos chegar a convencer-nos de que esta seja a lei da vida anestesiando-nos com evasões que nada mais fazem que apagar a esperança colocada por Deus nas nossas mãos. Muitas vezes, são assim os nossos passos, é assim o nosso caminhar, como o destas mulheres, um caminhar por entre o desejo de Deus e uma triste resignação. Não morre só o Mestre; com Ele, morre a nossa esperança.

«Nisto, houve um grande terremoto» (*Mt* 28, 2). De improviso,

suscitado é-nos oferecido como dom, como presente, como horizonte. O palpitar do Ressuscitado é aquilo que nos foi dado, sendo-nos pedido para, por nossa vez, o darmos como força transformadora, como fermento de nova humanidade. Com a Ressurreição, Cristo não deitou por terra apenas a pedra do sepulcro, mas quer fazer saltar também todas as barreiras que nos fecham nos nossos pessimismos estéreis, nos nossos mundos conceptuais bem calculados que nos afastam da vida, nas nossas

Carta ao bispo de Assis para a inauguração do santuário do Despojamento

Uma Igreja nas pegadas de Francisco

Será inaugurado oficialmente no próximo dia 20 de maio, na igreja de Santa Maria Maior, antiga catedral de Assis, o santuário do Despojamento querido pelo bispo diocesano para recordar o gesto audacioso com o qual Francisco renunciou a todos os bens terrenos. Para esta ocasião o Pontífice enviou ao prelado a carta, cuja tradução publicamos a seguir.

Ao Venerado Irmão
D. Domenico Sorrentino
Bispo de Assis-Nocera
Umbrino-Gualdo Tadino

Informaste-me, estimado irmão, de uma tua iniciativa, que se liga de modo especial à visita que fiz a Assis a 4 de outubro de 2013 quando, no paço episcopal, parei na Sala do Despojamento. Nela recorda-se o gesto do jovem Francisco, que se despojou, até à nudez, de todos os bens terrenos, para se doar inteiramente a Deus e aos irmãos. A fim de ressaltar aquele episódio singular, quiseste erigir, na igreja de Santa Maria Maior, antiga catedral de Assis, e nos lugares do Bispado que foram testemunhas do evento, o *Santuário do Despojamento*. Deste modo acrescentaste uma pérola ao panorama religioso da «Cidade seráfica», oferecendo à comunidade cristã e aos peregrinos outra grande oportunidade, da qual se podem justamente esperar frutos espirituais e pastoraes. Por conseguinte, sinto-me feliz por acompanhar com uma reflexão e uma bênção a inauguração oficial que ali farás no próximo dia 20 de maio.

Recordo bem a emoção da minha primeira visita a Assis. Tendo escolhido, como inspiração ideal do meu pontificado, o nome de Francisco, a Sala do Despojamento fez-me reviver com particular intensidade aquele momento da vida do Santo. Renunciando a todos os bens terrenos, ele desvinculava-se do encanto do dinheiro que tinha seduzido a sua família, em particular o pai Pietro de Bernardone. Certamente o jovem convertido não pretendia faltar ao devido respeito a seu pai, mas recordou-se que um batizado deve colocar o amor a Cristo acima dos afetos mais queridos. Num quadro que embeleza a Sala do Despojamento é bem visível o olhar contrariado do pai, que se afasta com o dinheiro e as vestes do filho, enquanto ele, nu mas agora livre, se lança nos braços do bispo Guido. O mesmo episódio, na Basílica Superior de São Francisco, é recordado por um afresco de Giotto, que frisa o impulso místico do jovem já projetado para o Pai celeste, enquanto o bispo o cobre com

o seu manto, para significar o abraço materno da Igreja.

Quando fui visitar a Sala do Despojamento pedi-te para me fazeres encontrar sobretudo uma representação de pobres. Naquela Sala tão eloquente eles davam testemunho da escandalosa realidade de um mundo ainda tão marcado pela diferença entre o imenso número de indigentes, com frequência privados do mínimo necessário, e a minúscula porção de proprietários que detêm a máxima parte da riqueza e pretendem determinar o destino da humanidade. Infelizmente, dois mil anos após o anúncio do evangelho e oito séculos depois do testemunho de Francisco, estamos diante de um fenómeno de «iniqüidade global» e de «economia que mata» (cf Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 52-60). Precisamente no dia anterior à minha chegada a Assis, nas águas de Lampedusa, tinha acontecido um grande massacre de migrantes. Falando, no lugar da «espoliação», também com a emoção determinada por aquele triste even-



Giotto, «São Francisco renuncia aos bens terrenos» (1295-1299, detalhe)

to, sentia toda a verdade do que tinha testemunhado o jovem Francisco: só quando se aproximou dos mais pobres, na sua época representados sobretudo pelos doentes de lepra, praticando para com eles a misericórdia, experimentou «doçura de ânimo e de corpo» (Testamento, FF 110).

O novo santuário de Assis nasce como profecia de uma sociedade mais justa e solidária, enquanto recorda à Igreja o seu dever de viver, nas pegadas de Francisco, despojando-se da mundanidade e revestindo-se dos valores do Evangelho. Reafirmo o que disse na Sala do Despojamento: «Todos estamos chamados a ser pobres, a despojar-nos de nós mesmos; e para isto devemos aprender a estar com os pobres, partilhar com quem está privado do necessário, tocar a carne de Cristo! O cristão não é alguém que enche a boca com os pobres, não! É alguém que se encontra com eles, que olha para eles nos olhos, que os toca». Hoje é

necessário como nunca que as palavras de Cristo caracterizem o caminho e o estilo da Igreja. Se em tantas regiões do mundo tradicionalmente cristãs se verifica um afastamento da fé, e por isso somos chamados a uma nova evangelização, o segredo da nossa pregação não consiste tanto na força das nossas palavras, quanto no fascínio do testemunho, apoiado pela graça. Mas sob a condição de que não desatendamos as indicações que o Mestre deu aos seus apóstolos no sermão sobre a missão, fazendo ao mesmo tempo apelo à generosidade dos evangelizadores e à solicitude fraterna em relação a eles: «Recebestes de graça, dai de graça. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre em vossos cintos; nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado; pois o trabalhador merece o seu sustento» (Mt 10, 8-10).

Francisco de Assis tinha isto muito claro. Assimilá-lo na meditação do evangelho, mas sobretudo da contemplação do rosto de Cristo nos

mem, humilhou-se a si mesmo obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2, 5-8).

Do Natal à Páscoa, o caminho é todo um mistério de «despojamento». A Omnipotência, de algum modo, eclipsa-se, para que a glória do Verbo feito carne se expresse sobretudo no amor e na misericórdia. O despojamento é um mistério de amor! Ele exprime desprezo pelas realidades do mundo. E como poderia? O mundo vem todo das mãos de Deus. O próprio Francisco nos convida, no *Cântico do Irmão Sol*, a cantar e a preservar a beleza de todas as criaturas. O despojamento faz-nos fruir delas de maneira sóbria e solidária, com uma hierarquia de valores que coloca o amor em primeiro lugar. Em síntese, mais do que das coisas, devemos despojar-nos de nós mesmos, pondo de lado o egoísmo que nos faz refugiar nos nossos interesses e nos nossos bens, impedindo que descubramos a beleza do outro e a alegria de lhe abrir o coração. Um caminho cristão autêntico não leva à tristeza, mas à alegria. Num mundo marcado por tanta «tristeza individualista» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 2), o Santuário do Despojamento propõe-se alimentar na Igreja e na sociedade a alegria evangélica, simples e solidária.

Um aspeto belo do novo Santuário consiste no facto de que, no evento da espoliação de Francisco, sobressai também a figura de um Pastor, o bispo Guido, que provavelmente o tinha conhecido, ou talvez até acompanhado no seu percurso de conversão, e agora o recebia na sua escolha decisiva. É uma imagem de maternidade da Igreja que merece ser redescoberta, quando a condição juvenil, num quadro geral de crise da sociedade, levanta questões sérias que eu quis focalizar convocando um Sinodo específico. Os jovens precisam de ser acolhidos, valorizados e acompanhados. Não devemos temer de lhes propor Cristo e os ideais exigentes do evangelho. Mas para isto, é necessário pôr-se no meio deles e caminhar com eles. O novo Santuário adquire assim também o valor de um lugar precioso onde os jovens possam ser ajudados no discernimento da sua vocação. Ao mesmo tempo os adultos estão chamados a estreitar-se nele em unidade de intenções e de sentimentos, para que a Igreja faça emergir cada vez mais o seu caráter de família, e as novas gerações se sintam amparadas no seu caminho.

Por conseguinte, abençoe de coração o novo Santuário, abrangendo na minha bênção os peregrinos que o visitarem e a inteira comunidade diocesana. A Virgem Santa, à qual o Santuário permanece dedicado, faça sentir toda a sua materna proteção.

16 de abril de 2017
Páscoa de Ressurreição

Franciscans

Caneï, «Vista do Cairo» (séc. XIX)

Entrevista ao jesuíta Henri Boulad

Como responder ao desafio do islão no Egito

ROSSELLA FABIANI

Henri Boulad, um jesuíta que passou a sua vida no Egito ao serviço dos últimos, ainda hoje, com quase noventa anos, continua a servir e a ser um guia para toda a comunidade egípcia, muçulmana e cristã. Por ocasião de uma viagem ao Cairo, tive a oportunidade de me encontrar com ele, no Colégio dos Jesuítas situado no número 151 da rua Ramses. O Colégio é um edifício austero com um jardim cuidado com grande dedicação. Respira-se um ar sereno. À entrada há uma estátua de Santo Inácio. Fixo-a e sei que dali a pouco verei um homem que trabalha diariamente para ajudar as crianças de rua, os drogados, as mulheres e para construir dispensários, jardins de infância e leprosários em todo o Egito, das aldeias mais remotas até Alexandria e o Cairo. Segue também as vocações: hoje no país há 40 jesuítas, 12 estão no Cairo.

Nascido em Alexandria em 1931 numa família melquita síria cristã, que sobreviveu aos massacres de

amor. Precisamos de santos e de profetas. Os profetas que são capazes de mudar a sociedade, que nada receiam e que têm a coragem da verdade. Devemos construir o mundo de amanhã sobre a verdade e a verdade nos libertará. Há uma luta diária entre o bem e o mal na sociedade e dentro de nós, que pode ser na minha família, entre as pessoas que me circundam, na minha igreja, no meu povo; penso em Jesus que enfrentou a sua família aos doze anos dizendo «quem são os meus irmãos? Quem é a minha mãe? Todos os que fizerem a vontade de Deus». Já os profetas antes de Jesus, penso sobretudo em Ezequiel, Jeremias e Amós, chamaram à conversão do coração. E para mudar o coração há necessidade de educação a todos os níveis: humano, espiritual e religioso.

Passou grande parte da sua vida no Egito e conhece profundamente este país. Qual é o papel da Igreja católica no Egito?

A Igreja católica é uma instituição muito bela e necessária, mas precisa de uma renovação do espírito. Infelizmente o cristianismo tornou-se apenas ritos, missas, mandamentos e moral. Não é suficiente renovar ritos e tradições, deve haver uma mudança espiritual. A Igreja precisa de maior zelo e de uma presença mais forte ligada à mudança do coração, testemunha do amor e da dedicação a Deus cheio de misericórdia. E então a mudança da sociedade dar-se-á por consequência. É preciso recordar que a Igreja é para o mundo e não o mundo para a Igreja. Na minha opinião a Igreja deve ser entendida como corpo místico de Cristo e não

como Igreja institucional. Um salto de coragem e a sua presença sozinha não são suficientes para realizar a mudança. Repito: temos necessidade de santos e de profetas para a mudança. Tudo se joga a nível espiritual e moral. Estamos numa fase de grandes mudanças sob muitos aspectos: sociais, familiares, religiosos, políticos. O excesso de tradição sem uma autêntica visão espiritual pode matar a religião, mas quando nós rejeitamos as tradições também isto pode matar a religião. Na Europa abandonaram todas as tradições, para reinventar a Igreja, o mundo, a sociedade, mas é um desastre: sem raízes a árvore é frágil. A tragédia da Europa e do Ocidente em geral é que pretende reinventar o homem e a família, para criar à sua maneira e



rejeitar todas as leis e tradições, para reinventar o homem e as estruturas profundas da sociedade: o resultado é que a situação da família é dramática e sem a família tudo se desfaz. Isto acontece porque o que move a sociedade é o princípio hedonista e não um princípio moral. Depois, há um grande equívoco entre lei e liberdade. Na realidade a verdadeira liberdade consiste em esquemas bem determinados.

Qual é a relação entre as Igrejas no Egito?

As Igrejas no Egito estão a trabalhar juntas para uma aproximação. A maioria dos cristãos no Egito é ortodoxa e o novo Papa Teodoro II é muito aberto, mas encontra uma resistência terrível dentro da sua Igreja, como acontece entre nós, pelo mesmo motivo, mas penso que os jovens querem uma Igreja unida, que não significa homologada, igual, mas diversa; estão cansados de conflitos teológicos que não têm sentido para a vida nem interessam a ninguém. A divisão entre as Igrejas é uma luta pelo poder e a Igreja, sim, é santa em teoria, mas deve ser santa também concretamente e quando os chefes da Igreja tiverem a possibilidade de lavar realmente os pés aos povos e ser servos, então algo mudará. Os jovens são a esperança da Igreja e do mundo, mas muitas vezes a Igreja e muitos sacerdotes estão distantes dos jovens. Mas eu sou otimista e penso que o desafio do islão poderia estimular a Igreja a unirse, e tornar-se uma Igreja diversa: uma na caridade e deixar de dar tanta importância apenas ao dogma. A história dos Concílios está muito distante dos jovens. O Papa Francisco sentiu isto e fala outra linguagem.

O senhor falou do desafio que o islão nos apresenta. Foi Reitor do Colégio dos Jesuítas no Cairo onde estudaram muitas pessoas, muçulmanas e cristãs. Um exemplo concreto de convivência. Contudo hoje parece que o mundo está a ser atacado pelo próprio islão.

Mas de que islão falamos? É este o ponto. No Alcorão há os versos de Meca e de Medina. Nos que foram escritos em Meca, Maomé faz um discurso muito aberto que fala de amor, os judeus e os cristãos são nossos amigos, não há obrigação na religião e Deus está mais próximo

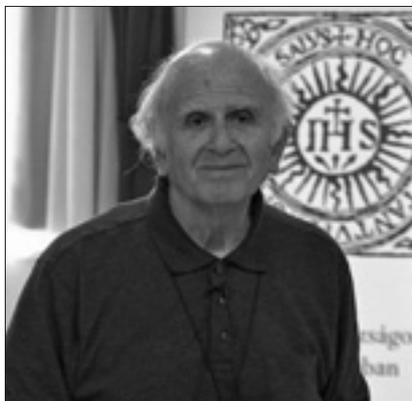
de nós. Por conseguinte, a primeira parte da vida de Maomé transmite uma mensagem espiritual, de reconciliação e de abertura. Quando Maomé deixa Meca para fundar Medina, dá-se uma mudança: de chefe espiritual, torna-se chefe de um Estado, militar e político. Hoje três quartos do Alcorão são versos de Medina e constituem um apelo à guerra, à violência e à luta contra os cristãos. Nos séculos IX e X os muçulmanos tomaram consciência desta contradição e uniram-se para procurar resolvê-la, mas o resultado foi que tomaram uma decisão, que já se tornou famosa, de revogantes e revogados: os versos de Medina revogam os de Meca. E não só. O sufismo é rejeitado e foram queimadas bibliotecas inteiras no Egito e no Norte de África. Então seria necessário retomar os versos originais que são a fonte e que são precisamente os versos de Meca, mas estes foram revogados, o que faz da religião muçulmana a religião da espada.

Contudo muitos observadores e analistas falam de um islão moderado.

O islão moderado é uma heresia, mas devemos distinguir entre as pessoas e a ideologia, a maior parte dos muçulmanos são muito abertos, gentis e moderados. Mas a ideologia apresentada nos manuais escolares é radical. Todas as sextas-feiras as crianças ouvem a pregação da mesquita que é uma incitação contínua: quem deixa a religião muçulmana deve ser punido com a morte, não se deve saudar uma mulher ou um infiel, e por sorte isto não é praticado, mas os irmãos muçulmanos e os salafitas querem esta doutrina, os muçulmanos moderados não têm voz e o poder está nas mãos de quem pretende interpretar a ortodoxia e a verdade. Quem tem hoje o poder não são os muçulmanos que tiraram do islão o que é compatível com a modernidade e com a vida comum com outras pessoas, mas os muçulmanos radicais, aqueles que aplicam uma interpretação literal, e por vezes até instrumental, do Alcorão e que recusam qualquer diálogo.

Mas deste modo negam a obra de todos os grandes pensadores como Avicenna ou Al-Ghazali.

Sim, e este é o ponto sensível. A reforma que houve na história do is-



Padre Boulad

1860, entrou nos jesuítas com 16 anos. O seu sonho é mudar o mundo com a ajuda de Deus.

Padre Boulad, conseguiu realizar o seu sonho?

Para mudar o mundo é preciso mudar o coração do homem. O futuro da humanidade depende de nós, da nossa conversão, da mudança de vida da nossa pessoa. As leis, a política não são suficientes: enquanto não mudarmos o ser humano a partir de dentro nada teremos feito. A única verdadeira oportunidade que temos é a possibilidade de mudar o nosso coração. E a minha finalidade é fazer arder o coração das pessoas. Despertar a confiança em Deus cheio de misericórdia que se inclina sobre a humanidade com

INFORMAÇÕES

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 13 de abril

De D. Roman Adam Marcinkowski, ao cargo de Auxiliar de Plock (Polónia).

No dia 19 de abril

De D. Martin J. Amos, ao governo pastoral da Diocese de Davenport (EUA).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 18 de abril

Bispo de Mainz (Alemanha), o Rev.^{do} Pe. Peter Kohlgraf, do clero da Arquidiocese de Colónia, até esta data Professor de Teologia Pastoral na Alta Escola Católica de Mainz.

D. Peter Kohlgraf nasceu no dia 21 de março de 1967 em Colónia (Alemanha). Foi ordenado Sacerdote a 18 de junho de 1993.

A 19 de abril

Enviado Especial à celebração terá lugar a 26 de abril no Santuário Nacional de Shkodër (Álbania), por ocasião do 550º aniversário da chegada da «Nossa Senhora de Shkodër» à igreja de Genazzano, dedicada a Nossa Senhora do Bom Conselho, o Senhor Cardeal Franc Rodé, C.M., Prefeito Emérito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

Enviado Especial à v *Ultra* mundial dos Cursillos de Cristiandad, que terá lugar no Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Portugal) de 4 a 6 de maio, o Senhor Cardeal João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

Enviado Especial à celebração conclusiva do Congresso Mariano do Cazaquistão, que terá lugar a 13 de maio na Catedral de Nossa Senhora de Fátima em Karaganda, no cenário das aparições de Nossa Senhora de Fátima, o Senhor Cardeal Paul Josef Cordes, Presidente Emérito do Pontifício Conselho «Cor Unum».

Bispo de Imperatriz (Brasil), D. Vilson Basso, S.C.I., até esta data Bispo da Diocese de Caxias do Maranhão.

Bispo de Joinville (Brasil), D. Francisco Carlos Bach, até hoje Bispo da Diocese de São José dos Pinhais.

Bispo de Davenport (EUA), o Rev.^{mo} Mons. Thomas R. Zinkula, do clero da arquidiocese de Dubuque, até esta data Reitor do Seminário São Pio X em Dubuque.

D. Thomas R. Zinkula nasceu no dia 19 de abril de 1957 em Mount Vernon (EUA). Foi ordenado Sacerdote a 26 de maio de 1990.

Bispo Prelado da Prelazia territorial de Itacoatiara (Brasil), o Rev.^{do} Pe. José Ionilton Lisboa de Oliveira, S.D.V., ex-Superior Provincial, até hoje Vigário Paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Riachão do Jacuípe, Diocese de Serrinha.

D. José Ionilton Lisboa de Oliveira, S.D.V., nasceu a 9 de março de 1962 em Araci, Estado da Bahia. Realizou os estudos de Filosofia no Seminário Diocesano Nossa Senhora das Vitórias, em Vitória da Conquista, e de Teologia na Faculdade Beneditina do Brasil, Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. Emitiu a Profissão religiosa a 21 de janeiro de 1990 e foi ordenado Sacerdote no dia 19 de janeiro de 1992. Durante o ministério desempenhou a atividade na pastoral paroquial (Vigário Paroquial e Pároco), na animação das vocações, na formação dos noviços, na administração económica, como Superior Provincial (por dois mandatos, o último terminado em fevereiro passado); e Diretor de Comunidade, Membro da local Conferência dos Religiosos e do Conselho Presbiteral de Vitória da Conquista.

Coadjutor de Campo Mourão (Brasil), o Rev.^{do} Pe. Bruno Elizeu Versari, do clero da Arquidiocese de Maringá, até agora Pároco de Santa Maria Goretti em Maringá.

D. Bruno Elizeu Versari nasceu a 30 de maio de 1959 em Cândido Mota, Estado de São Paulo. Completou os estudos de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba (1981-1983) e de Teologia no Instituto Paulo VI em Londrina (1984-1987). Frequentou cursos de especialização em Bíblia na Pontifícia Universidade Católica de Maringá. Foi ordenado Sacerdote 3 de janeiro de 1988. No curso do ministério sacerdotal desempenhou os seguintes cargos: Vigário Paroquial de Santa Maria Goretti em Maringá (1988-1990); Assistente do Seminário Maior Nossa Senhora da Glória (1988-1990); Pároco de Santa Isabel

de Portugal em Maringá (1990-2009); Ecnomo arquidiocesano (2001-2009); Membro do Conselho Presbiteral e do Colégio dos Consultores (2001-2010); e Vigário-Geral (2011-2015).

Auxiliar de San Diego (EUA), o Rev.^{do} Pe. John P. Dolan, do clero da mesma Diocese, até à presente data Vigário para o Clero e Pároco da Saint John Parish em San Diego, simultaneamente eleito Bispo Titular de Uchi Maius.

D. John P. Dolan nasceu a 8 de junho de 1962 em San Diego, Califórnia (EUA). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 1 de julho de 1989.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 11 de abril

D. José Ramón Gurruchaga Ezama, Bispo Emérito de Lurín (Peru).

O saudoso Prelado nasceu no dia 29 de março de 1931, em Baracaldo (Espanha). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 11 de fevereiro de 1961. Foi ordenado Bispo em 28 de fevereiro de 1987.

No dia 13 de abril

D. Georges Rol, Bispo Emérito de Angoulême (França).

O venerando Prelado nasceu a 22 de maio de 1926 em Thiviers (França). Foi ordenado Sacerdote no dia 28 de fevereiro de 1953. Recebeu a Ordenação episcopal em 1 de maio de 1973.

O desafio do islão no Egito

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

lão foi recusada. Por exemplo o califa abássida Almamune, nascido em Bagdade em 786 e falecido em Tarso em 833, seguidor dos mutazilistas, os racionalistas do islão, tentou uma reforma, mas quem se recorda hoje dele? Prevaleceu o islão fechado e rigoroso de Muhammad ibn Abd al-Wahhab. A última reforma foi aquela tentada pelo xeque Mahmoud Taha no Sudão, que contudo foi enforcado em Cartum na praça da cidade porque dissera que os versos de Meca deviam revogar os de Medina. Trata-se de um problema interno ao islão, que não oferece respostas às perguntas da vida moderna e encontra-se diante da necessidade de se reformar a si mesmo. O islão teria necessidade de um Vaticano II.

Quais são hoje os desafios que o Egito tem diante de si?

Sem dúvida o problema demográfico. Quando eu era criança, havia 15 milhões de habitantes. Hoje somos 90 milhões. Seis vezes mais. É nada mudou desde então em relação às condições de vida. Não se pode continuar neste ritmo. É um caos. E para muitos povos, não só para o Egito, este é um desafio terrível, ligado ao desafio económico. Desenvolvimento e demografia caminham juntos. A terra pode-

ria acolher não só 7 biliões de pessoas mas 70 biliões. Infelizmente queimam-se as mercadorias para estabilizar os preços e mantê-los altos, e ao mesmo tempo as pessoas morrem de fome. Serve mais justiça. Outro fenómeno do qual se fala pouco é o ateísmo. No Egito há mais de dois milhões de ateus. Tornaram-se tais porque não suportam a religião como incitação à violência ou às execuções. Nisto nada há de divino. Não querem o fanatismo, a liturgia como repetição mecânica de gestos e orações. E abandonar a religião é um fenómeno totalmente novo no Egito e no mundo árabe.

O que podemos fazer?

Serve educação: há uma emergência educativa a nível de base, saber ler, escrever e fazer contas. E serve um sistema de justiça para distribuir as riquezas do mundo. Este paraíso na terra é possível, de certa forma foi realizado na Europa, no Canadá e na América, mas a questão é se, tendo obtido de que viver, obtivemos a felicidade. Parece incrível, mas na Índia encontrei pessoas felizes, na Europa não. Há uma relação entre a alegria e a pobreza, quando não se torna miséria. Na pobreza há um mínimo para viver. O futuro da humanidade depende de um «rearmamento moral», de uma mudança moral do coração humano.

A Cnbb contra a legalização do aborto

Não é um direito

«O aborto jamais pode ser considerado um direito da mulher ou do homem, sobre a vida do nascituro», lê-se na nota intitulada «Pela vida, contra o aborto», assinada pelo presidente da Conferência nacional dos bispos do Brasil (Cnbb), cardeal arcebispo de Brasília Sérgio da Rocha, e pelos demais membros do conselho de presidência.

No texto, os prelados voltam a afirmar a posição da Igreja «em defesa da integralidade, inviolabilidade e dignidade da vida humana, desde a sua conceção até a morte natural» e condenam «todas e quaisquer iniciativas que pretendam legalizar o aborto no Brasil». Neste sentido, «o direito à vida permanece, na sua totalidade, para o idoso fragilizado, para o doente em fase terminal, para a pessoa com deficiência, para a criança que acaba de nascer e também para aquela que ainda não nasceu».

Além disso, os bispos realçam que «o respeito à vida e à dignidade das mulheres deve ser promovido, para superar a violência e a discriminação por elas sofridas. A Igreja quer acolher com misericórdia e prestar assistência pastoral às mulheres que sofreram a triste experiência do aborto», e acrescentam: «A sociedade é devedora da mulher, particularmente quando ela exerce a maternidade. Neste tempo de grave crise política e económica – prossegue a nota – a Conferência nacional dos bispos do Brasil tem se empenhado na defesa dos mais vulneráveis da sociedade, particularmente dos empobrecidos. A vida do nascituro está entre as mais indefesas e necessitadas de proteção. Com o mesmo ímpeto e compromisso ético-cristão, repudiamos atitudes antidemocráticas que, atropelando o Congresso nacional, exigem do Supremo tribunal federal uma função que não lhe cabe, que é legislar».

Por isso, a Igreja no Brasil considera que o projeto de lei relativo ao «Estatuto do nascituro», apresentado já em 2007, texto que prevê o direito à vida desde a conceção, «deve ser urgentemente apreciado, aprovado e aplicado». E às comunidades pede-se que «se mobilizem, promovendo atividades pelo respeito da dignidade integral da vida humana».

Na primeira audiência geral depois da Páscoa o Pontífice falou de Cristo ressuscitado esperança do homem

O núcleo da fé

O cristianismo «não é uma ideologia», nem sequer «um sistema filosófico, mas um caminho de fé». Na primeira audiência geral de quarta-feira depois da Páscoa, o Pontífice propôs aos fiéis presentes na praça de São Pedro na manhã de 19 de abril, uma reflexão sobre a constatação de que não obstante os nossos pecados, «Deus continua a preparar para todos nós um futuro inesperado». Eis a meditação do Papa.

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Hoje encontramos-nos na luz da Páscoa, que celebramos e continuamos a celebrar mediante a Liturgia. Por isso, no nosso itinerário de catequese sobre a esperança cristã, hoje desejo falar-vos de Cristo Ressuscitado, nossa esperança, assim como no-lo apresenta São Paulo na primeira Carta aos Coríntios (cf. cap. 15).

O apóstolo quer resolver uma problemática que, certamente, na comunidade de Corinto estava no centro dos debates. A ressurreição é o último dos argumentos enfrentados na Carta mas, provavelmente, em ordem de importância, é o primeiro: com efeito, tudo depende deste pressuposto.

Falando aos seus cristãos, Paulo começa a partir de um dado incontestável, que não é o êxito de uma reflexão de um sábio qualquer, mas um acontecimento, um simples evento que teve lugar na vida de algumas pessoas. É daqui que nasce o cristianismo. Não é uma ideologia, nem sequer um sistema filosófico, mas um caminho de fé, que tem início num acontecimento, testemunhado pelos primeiros discípulos de Jesus. Paulo resume-o deste modo: Jesus morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, ressuscitou no terceiro dia e apareceu a Pedro e aos Doze (cf. *1 Cor* 15, 3-5). Eis o acontecimento: Ele morreu, foi sepultado, ressuscitou e apareceu. Ou seja, Jesus está vivo! É este o cerne da mensagem cristã.

Anunciando este evento, que constitui o núcleo fulcral da fé, Paulo insiste acima de tudo sobre o último elemento do mistério pascal, ou seja, sobre a constatação de que Jesus ressuscitou. Com efeito, se tudo tivesse acabado com a morte, nele teríamos um exemplo de dedicação suprema, mas isto não poderia gerar a nossa fé. Ele foi um herói. Não! Morreu, mas ressuscitou. Porque a fé brota da ressurreição. Aceitar que Cristo morreu, e morreu crucificado, não constitui um gesto de fé, mas um acontecimento histórico. Ao contrário, crer que ressuscitou, sim. A nossa fé nasce na manhã de Páscoa. Paulo faz um elenco de pessoas às quais Jesus Ressuscitado apareceu (cf. vv. 5-7). Aqui temos uma breve síntese de todas as narrações pascais e de todas as pessoas que entraram em contacto com o Ressuscitado. No topo da lista está Cefas, ou seja Pedro, e o grupo dos Doze; depois, «quinhentos irmãos», muitos dos quais ainda podiam dar o seu próprio testemunho; em seguida, é mencionado Tiago. O última da lista – como o menos digno de todos – é ele mesmo. Acerca de si próprio, Paulo diz: «Como um aborto» (cf. v. 8).

Paulo utiliza esta expressão porque a sua história pessoal é dramática: ele não era um ministrante, mas um perseguidor da Igreja, orgulhoso das próprias convicções; sentia-se um homem bem sucedido, com uma ideia muito límpida do que era

a vida com os seus deveres. Contudo, neste quadro perfeito – em Paulo tudo era perfeito, ele sabia tudo – neste quadro de vida perfeito, certo dia acontece algo que era absolutamente imprevisível: o encontro com Jesus Ressuscitado no caminho de Damasco. Ali não havia apenas o homem caído no chão: havia uma pessoa arrebatada por um acontecimento que teria invertido o sentido da sua vida. E o perseguidor tornou-se apóstolo, mas porquê? Porque eu vi Jesus vivo! Vi Jesus Cristo Ressuscitado! Eis o fundamento da fé de Paulo, assim como da fé dos demais apóstolos, da fé da Igreja, da nossa própria fé.

Como é bom pensar que o cristianismo é essencialmente isto! Não é tanto a nossa busca em relação a Deus – na verdade, uma procura tão vacilante – como sobretudo a busca de Deus em relação a nós. Jesus alcançou-nos, arrebatou-nos, conquistou-nos para nunca mais nos deixar. O cristianismo é graça, é surpresa, e por este motivo pressupõe um coração capaz de admiração. Um coração fechado, um coração racionalista, é incapaz de admiração, e não consegue entender o que é o cristianismo, porque o cristianismo é gra-

então poderemos responder que Jesus ainda está aqui, que Ele permanece vivo entre nós, que Jesus está ao nosso lado aqui na praça: vivo e ressuscitado!

O convite a «aceitar os sofrimentos como uma preciosa oportunidade de redenção e salvação» foi dirigido pelo Papa aos fiéis de língua árabe – em particular aos provenientes do Egito e do Médio Oriente – no final da audiência geral.

De coração saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, particularmente os grupos vindos de Portugal e do Brasil. Queridos amigos, deixai-vos iluminar e transformar pela força da Ressurreição de Cristo, para que as vossas existências se convertam no testemunho da vida que é mais forte do que o pecado e a morte. Feliz Páscoa para todos!

Dou as cordiais boas-vindas aos peregrinos de expressão árabe, em especial aos provenientes do Egito e do Médio Oriente! Diletos irmãos e irmãs, Jesus Cristo nossa esperança ressuscitou! Exorte-vos a olhar constantemente para Aquele que venceu a morte e que nos ajuda a aceitar



ça, e a graça só se sente, e além disso só se encontra, no enlevo do encontro.

E então, não obstante sejamos pecadores – todos nós o somos – e se os nossos propósitos de bem permanecerem letrados, ou então se, olhando para a nossa vida, nos dermos conta de ter acumulado tantas derrotas... Na manhã de Páscoa podemos agir como aquelas pessoas das quais fala o Evangelho: ir ao sepulcro de Cristo, ver a grande pedra removida e pensar que Deus continua a preparar para mim, para todos nós, um futuro inesperado. Ir ao nosso sepulcro: todos nós temos um pouco dele dentro de nós. Ir ali e ver que dali Deus é capaz de ressurgir. É isto que consiste a felicidade, a alegria e a vida, onde todos pensavam que havia unicamente tristeza, derrota e trevas. Deus faz crescer as suas flores mais bonitas no meio das pedras mais áridas.

Ser cristão significa não começar a partir da morte, mas do amor de Deus por nós, que derrotou a nossa acérrima inimiga. Deus é maior do que o nada, e é suficiente uma vela acesa para vencer a noite mais escura. Fazendo eco aos profetas, Paulo clama: «Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão» (v. 55). Nestes dias de Páscoa, conservemos este brado no coração. E se nos perguntarem o porquê do nosso sorriso concedido e da nossa partilha paciente,

os sofrimentos como uma preciosa oportunidade de redenção e salvação. O Senhor vos abençoe!

Enfim, saúdo os jovens, os doentes e os recém-casados. Caros jovens, especialmente vós da Profissão de fé das Dioceses de Milão e Cremona, vivi em plenitude a mensagem pascal, testemunhando em toda a parte a paz, dom de Cristo Ressuscitado. Prezados enfermos, olhai continuamente para Aquele que derrotou a morte e que nos ajuda a aceitar os sofrimentos como momento privilegiado de redenção e salvação. Queridos recém-casados, vivi a experiência familiar diária, conscientes da presença vivificante de Jesus no vosso lar.

E para apresentar ao Sumo Pontífice a realidade de São Paulo, a cidade mais populosa do hemisfério sul, com os seus vinte milhões de habitantes, participou na audiência o prefeito João Doria. A metrópole paulista, explicou o primeiro cidadão, «que hoje representa dez por cento da economia brasileira, continua a apostar nos setores da saúde, habitação, mobilidade e limpeza para o resgate da cidade». Em síntese, acrescentou, «seguimos as diretrizes da encíclica Laudato si', convictos de que as soluções solidárias e sustentáveis são a única resposta possível para os problemas que afligem todas as megalópoles».